

A LINGUÍSTICA COGNITIVA E O MITO DA LINGUAGEM COMO INSTINTO¹

Hanna Batoréo

Departamento de Humanidades da Universidade Aberta &

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL, Lisboa

RESUMO

De entre todos os mitos linguísticos com que lidamos no dia-a-dia (cf. Bauer & Trudgill, 1998), o do mito da *Linguagem como Instinto*, inerente à tese chomskiana da Linguagem² e da respectiva *Gramática Universal* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994), é considerado pela Linguística Cognitiva como o maior mito linguístico de sempre, tal como demonstrado por Evans (2014). No presente artigo, partimos da argumentação utilizada por Evans para refutar este mito, propondo, a seguir, uma reflexão teórica que foca a caracterização da Linguística Cognitiva na qualidade de uma abordagem englobante e plural quer do estudo da Linguagem baseada no uso quer da interacção entre Linguagem e a Cognição.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Linguagem e Cognição; mitos linguísticos; Linguagem como Instinto; Mito da Linguagem como Instinto; Linguagem-em-uso.

ABSTRACT

Of all the linguistic myths used in our everyday language practice (cf. Bauer & Trudgill, 1998), the myth of the Chomsky's thesis of *Language Instinct* rooted in the postulate of *Universal Grammar* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994) is considered by Cognitive Linguistics as the most outstanding myth of all times. We focus our attention on the discussion of this myth proposed and developed by Evans (2014), parting from this anchorage towards the characterisation of Cognitive Linguistics as a global and plural study of Language-in-use resulting from interaction of Language and Cognition.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Language and Cognition; Linguistic myths; Language Instinct; the Myth of Language Instinct; Language-in-use.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objectivo uma reflexão teórica conducente à caracterização global da Linguística Cognitiva, resultante

¹ A autora escreve segundo a grafia antiga.

² No presente artigo, destacamos a palavra '*Linguagem*' com maiúscula, quando nos referimos à linguagem verbal humana.

da interacção entre a Linguagem e a Cognição, como uma abordagem plural do estudo da Linguagem baseada no uso. O ponto de partida para esta reflexão é constituído pela discussão da tese da *Linguagem como Instinto*, inerente à teoria chomskiana da Linguagem e da sua *Gramática Universal* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994), mas refutada e apelidada como o maior mito linguístico de sempre pela Linguística Cognitiva, em Evans (2014).

O artigo é constituído por quatro capítulos, dos quais o segundo e o terceiro constituem a parte nuclear do texto. No capítulo 2, discutimos o *Mito da Linguagem como Instinto*, tal como ele surge abordado em Evans (2014). No capítulo 3, partindo da discussão apresentada por Evans na refutação dos postulados chomskianos, argumentamos a favor da existência da Linguística Cognitiva na qualidade de uma abordagem global e plural do estudo da Linguagem-em-uso efectuado em interacção com a Cognição, que nos permite entender (i) como a Linguagem se organiza e estrutura, (ii) como funciona, (iii) como se relaciona com a mente humana e (iv) como constitui uma janela para percebermos o modo como conceptualizamos o mundo que nos rodeia.

2. OS MITOS LINGUÍSTICOS E O MITO DA LINGUAGEM COMO INSTINTO (EVANS 2014)³

Todos os dias nos confrontamos com os mitos linguísticos. Essa questão não constitui um tema novo nem no discurso diário dos utentes de uma dada língua nem nos confrontos científicos da Linguística (cf. Bauer & Trudgill, 1998). Ela aparece ciclicamente nas discussões académicas sobre a Linguagem, em geral, e, especificamente, no âmbito das línguas particulares, questionando o que se entende pelo uso linguístico, pela natureza e aprendizagem da Linguagem, pelo seu desenvolvimento, mudança e variação. As discussões deste tipo propõem combater os juízos de valor populares muito disseminados entre os falantes, maioritariamente fruto de preconceito e ignorância, tais como observamos, em baixo, no Exemplo 1:

Exemplo 1.

- (i) *A gramática da língua A é mais fácil do que a gramática da língua B;*
- (ii) *É mais fácil aprender a língua C do que a língua D;*

³ No presente capítulo, desenvolvemos a discussão apresentada unicamente em Batoréo (2016).

- (iii) *Existem línguas sem gramática;*
- (iv) *As pessoas da classe social mais baixa falam mal;*
- (v) *Todos os falantes da nossa língua materna têm sotaque menos nós (eu);*
- (vi) *A língua E é uma língua lógica e bem organizada, a F é bela e a H é feia;*
- (vii) *Fala-se melhor a língua X na área L do que nas áreas M, N ou P; etc.*

Estas constatações, fruto de culturas e línguas diferentes (cf. Bauer & Trudgill, 1998), surgem igualmente nas sociedades que falam o Português, dando origem aos *slogans* como os que costumam ouvir-se em Portugal, conforme ilustrado no Exemplo 2:

Exemplo 2.

- (i) *Fala-se mal o Português!*
- (ii) *Estão a assassinar o Português!*
- (iii) *O Português falado em Coimbra é o melhor;*
- (iv) *O Português falado em África é o pretuguês;*
- (v) *Os portugueses são muito dotados para as línguas e falam os idiomas estrangeiros muito melhor do que, por exemplo, os espanhóis;*
- (vi) *Os portugueses têm mais facilidade em entender o português do Brasil do que os brasileiros o Português Europeu;*
- (vii) *“A língua (i.e., o Português) é minha; o sotaque é seu” (afirmação do prémio Nobel português, José Saramago, dirigida a um brasileiro); etc.*

De entre todos estes mitos, o mais destacado e o mais discutido nas últimas décadas é o que diz respeito à tese da *Linguagem como Instinto*, popularizada pelo mediático tratado da autoria do académico Vyvyan Evans, em 2014, *The Language Myth: Why language is not an instinct?* O livro tornou-se um *bestseller* linguístico no mundo inteiro, causando um aceso debate tanto nos *sites da internet* como ao nível das publicações especializadas da área da Linguística. Sendo, em termos latos, um livro que se insere no grupo dos tratados sobre os mitos linguísticos, é, na verdade, muito mais do que apenas mais uma abordagem sobre um tema conhecido. Ao debater o que considera o maior mito linguístico

de sempre – e que denomina de o *Mito da Linguagem como Instinto*⁴, referindo o postulado da *Gramática Universal* de Noam Chomsky⁵ –, o Autor ousa questionar as ideias estabelecidas há muitas décadas em Linguística pela vertente da Gramática Generativa. A temática, o foco e a força da argumentação utilizados constituem a originalidade quer do livro quer de toda a polémica por ele suscitada (Adger, 2015a, 2015b; Behme & Evans, 2015, Evans 2015b, 2015c, 2016, entre outros), já que antes de Vyvyan Evans ninguém ousou questionar de modo tão veemente e acutilante as ideias propostas por um dos pais da Linguística moderna, igualmente desenvolvidas e acerrimamente defendidas por uma legião dos seus seguidores no mundo inteiro.

Vyvyan Evans (2014) parte da perspectiva da Linguística Cognitiva, uma abordagem que nasceu originalmente há meio século da insatisfação com as correntes formais do estudo da Linguagem⁶. Nesta linha de insatisfação já antiga, o Autor constrói no seu tratado uma forte, apaixonante e minuciosa refutação dos argumentos chomskianos acerca da *Gramática Universal*, bem como da natureza, origem e uso linguísticos, criando um antídoto não só à teoria generativa ao nível académico, mas também aos populares livros escolares e universitários, nos quais se propaga, há mais décadas, a tese da *Gramática Universal* e da linguagem como instinto. Evans argumenta contra estas “verdades eternas”, desmascarando a concepção da Linguagem como inata, concebida como um tipo de instinto unicamente humano e a de um Homem pré-programado biologicamente ou, até, portador de um órgão com dispositivo específico para a aquisição da Linguagem⁷, demonstrando que essa tese nunca chegou a ser cientificamente confirmada, nem pode ser entendida com base na evidência empírica

⁴ “A myth, for my purposes, is an unproven account of a linguistic phenomenon that appears to be at odds with actual findings relating to language, the mind, and so on.” (Evans, 2014, p.13)

⁵ Vejam-se, a título de exemplo, as obras de Noam Chomsky: *Aspects of the Theory of Syntax* (1965); *Knowledge of Language: Its Nature Origin, and Use* (1986), assim como, posteriormente, a de Steven Pinker: *The Language Instinct* (1994).

“Chomsky famously proposed a Universal Grammar, which he dubs «a general principle of linguistic structure on the basis of observation of a single language»: English” (Evans, 2014, p. 93).

⁶ “Cognitive linguistics is a relatively new school of linguistics, and one of the most innovative and exciting approaches to the study of language and thought that has emerged within the modern field of interdisciplinary study known as cognitive science.” (Evans & Green, 2006, p. 5.).

“Cognitive linguistics is a modern school of linguistic thought that originally emerged in the early 1970s out of dissatisfaction with formal approaches to language. Cognitive linguistics is also firmly rooted in the emergence of modern cognitive science in the 1960s and 1970s, particularly to work relating to human categorisation, and earlier traditions such as Gestalt psychology. (...)” (Evans & Green, 2006, p.3.).

⁷ Em termos chomskianos: LAD – *Language Acquisition Device* (cf. Chomsky, 1986).

existente de carácter linguístico. Evans defende ainda que a tese de *Linguagem como Instinto*, nuclear à *Gramática Universal*, nem pode ser considerada como um pressuposto linguístico; trata-se, antes, de uma hipótese contextualizada num novo ramo de assim chamada *Biolinguística*, o que faz dela uma suposição de carácter mais biológico do que propriamente linguístico. Por conseguinte, o livro de Evans (2014) constitui uma verdadeira pedrada no charco das ideias sobre a origem e natureza da Linguagem, cristalizadas com base na hegemonia institucionalizada da teoria chomskiana, estabelecida ao longo de mais de meio século, sem, no entanto, dispor da base empírica substancial que a comprovasse⁸. Os argumentos da *tese da linguagem-em-uso* de Evans constituem uma poderosa alternativa às verdades adquiridas do “credo linguístico” estabelecido da *tese da linguagem-como-instinto*. Esta alternativa permite uma perspectiva renovada e bem fundamentada no que na ciência mais recente e desenvolvida de modo interdisciplinar se tem descoberto sobre o funcionamento linguístico do Homem, da sua mente e da Linguagem humana.

No tratado de Evans, a discussão acerca do mito principal da *Linguagem como Instinto* desdobra-se, ao longo do texto, em seis mitos parciais mais específicos, proporcionando-se um debate que permite interligar várias áreas das Ciências Cognitivas: Linguística, Biologia, Neurociências, Antropologia, Filosofia, etc., promovendo uma abordagem interdisciplinar. Em função dos seis mitos parciais acima referidos, o Autor formula seis questões globais e fundamentais para serem discutidas, que considera as mais pertinentes no que diz respeito à Linguagem humana:

- (i) A Linguagem humana não está ligada aos sistemas de comunicação desenvolvidos por animais?
- (ii) Os universais da Linguagem existem?
- (iii) A Linguagem é inata?
- (iv) A Linguagem constitui um módulo distinto da mente?
- (v) Existe uma Linguagem universal da mente?

⁸ “(...) the language-as-instinct thesis, which today remains the single largest ‘school’ in Anglo-American linguistics, has little empirical basis sustaining itself in an institutional hegemony which, in the view of some, seeks to maintain the status quo, regardless of the actual facts: reputations have been built upon the idea of the language-as-instinct thesis; for these researchers, the prospect of the Universal Grammar thesis being wrong doesn’t bear thinking about.” (Evans, 2014, pp. 140-141).

“(...) the myth of language modularity – of a language faculty – has become institutionalised via retellings which are now immune to counterevidence” (Evans, 2014, p. 159).

(vi) O pensamento é independente da Linguagem?

Baseando-se na mais recente investigação científica desenvolvida nas Ciências Cognitivas, sobretudo na Psicolinguística Cognitiva e nas Neurociências, Evans demonstra, desenvolve e defende a sua tese de Linguística como sendo uma área que *emerge* de diversos paradigmas científicos que competem entre si. Procurando fornecer respostas às questões (i) a (vi) acima formuladas, o Autor argumenta contra a tese da *Linguagem como Instinto*, defendendo o que considera os *alicerces da Linguística Cognitiva*, conforme se pode observar nos pontos de (a) a (d), em baixo:

- (a) a Linguagem humana está ligada às outras formas de comunicação animal, não sendo, por isso, unicamente humana, nem autónoma em relação às outras capacidades cognitivas;
- (b) a Linguagem e, por conseguinte, as línguas particulares são objecto de mudança, variação e variabilidade, não se tratando de fenómenos regulares nem lineares;
- (c) a Linguagem é adquirida com base nas capacidades gerais da mente humana e não com base numa pré-programada capacidade universal;
- (d) a Linguagem e a mente por um lado reflectem e, por outro, influenciam o modo como interagimos com o mundo e com os outros.

Ao longo do seu tratado, Evans (2014) utiliza uma exemplificação linguística proveniente do uso corrente da Linguagem, ancorando a sua argumentação nos alicerces acima referidos, a fim de desenvolver uma tese alternativa da *Linguagem-como-Instinto*, na qual se destacam pelo menos *quatro ideias fundamentais*.

Em primeiro lugar, o Autor argumenta que o Homem é dotado de uma *inteligência cultural*, graças à qual desenvolve comportamento *cooperativo* e *pro-social*, que o distingue do comportamento social menos elaborado, observado nas outras espécies. O Autor defende que, ao longo da evolução, esta inteligência cultural facilitou, por um lado, o desenvolvimento de comportamentos simbólicos mais avançados, sendo a Linguagem humana o seu exemplo paradigmático, facilitando, por outro, uma competência mental adicional, a *inteligência interaccional*.

Em segundo lugar, Evans defende que existem *universais ao nível da experiência humana*⁹, que, por sua vez, exercem restrições sobre o funcionamento da linguagem. Estes universais não se encontram dentro da Linguagem (conforme defendido na tese inatista da *Gramática Universal*), mas emergem da experiência humana comum, que – em termos latos – é determinada pelo meio físico em que nos movemos e depende das estruturas neuroanatômicas dos nossos cérebros, comuns a todos os humanos.

Na sequência da argumentação apresentada, e em terceiro lugar, Evans caracteriza a *gramática mental* do ser humano¹⁰ como sendo constituída por unidades linguísticas de diferentes níveis de complexidade, que são provenientes do *input* linguístico, formando construções e organizando-se em redes¹¹. É com base nas unidades de aprendizagem provenientes do *input* linguístico que rodeia o falante – e não em função de um pré-determinado sistema universal de regras da tese chomskiana – que emerge e se constitui o processo da *aquisição da Linguagem*. O processo fundamenta-se, por conseguinte, nas capacidades gerais da mente humana e não numa suposta pré-programada capacidade universal específica. A primeira destas capacidades gerais é a de *reconhecer e definir padrões*¹² encontrada igualmente entre os primatas¹³. A segunda capacidade tem a ver com o reconhecimento e imitação por parte da criança da intenção comunicativa do outro¹⁴, que é determinada culturalmente, o que implica a adaptação de carácter cultural e simbólico de quem adquire a Linguagem¹⁵. A aquisição da linguagem emerge¹⁶, por conseguinte, com base em unidades de uso linguístico chamadas ‘*chunks*’, provenientes do *input* linguístico, às quais o falante se encontra exposto, num processo

⁹ (Evans, 2014, pp. 250-252).

¹⁰ (Evans, 2014, pp. 242-249).

¹¹ “The language-in-use thesis claims that linguistic units – constructions – are organised in an individual’s mind as a network, with more abstract schemas being related to more specific instances of language.” (Evans, 2014, p. 249).

¹² No original: “pattern-finding ability” (Evans, 2014, p. 118).

¹³ (Evans, 2014, pp. 118-123).

¹⁴ No original: “intention-reading ability”, (Evans, 2014, p. 123).

Evans analisa várias propostas cognitivistas de como se processa a aquisição da linguagem – p. ex., a de Langacker (Evans, 2014, pp. 123-124), Bybee (Evans, 2014, pp. 125-126) ou Goldberg (Evans, 2014, pp. 126-127) – contrastando-as com a dos inatistas (cf. Bickerton, na sua teoria sobre formação das línguas crioulas (Evans, 2014, pp. 128-129).

¹⁵ (Evans, 2014, pp. 123-124).

¹⁶ (Cf. Bowerman, 1989, 1994).

feito gradativamente e com esforço de aprendizagem¹⁷. Neste processo baseado no uso, dependente da frequência dos itens que ocorrem no *input*, a criança adquire a linguagem com base em 'chunks', para passar progressivamente com o uso (que exige tempo, esforço e maturação) para a fase de abstracção, na qual começa a criar padrões, tornando-se também competente em reconhecer intenções de comunicação determinadas social e culturalmente dos outros falantes. É deste modo – defende o Autor – que os factores determinados pelo uso do *input* linguístico determinam a construção da gramática da criança ao longo do processo da aquisição¹⁸. A experiência humana, como não é dada, precisa de ser aprendida; no caso da Linguagem, a experiência provém do *input* linguístico no qual estamos imersos e que nos permite a aquisição/aprendizagem da(s) nossa(s) língua(s) materna(s). Na sequência desta refutação, Evans defende que a oposição do que é conhecido na literatura anglo-saxónica como o fenómeno *nature vs nurture*, isto é, inatismo vs experiência, não pode ser indevidamente polarizado, visto que as nossas capacidades gerais inatas definem e viabilizam o processo de aprendizagem, que emerge da experiência.

E por fim, e em quarto lugar, Evans (2014) postula o modo como uma determinada língua particular codifica domínios como, por exemplo, espaço, tempo, cor ou género e exerce, de facto, influência sobre o entendimento que os seus falantes têm sobre o mundo, sendo conhecida como a teoria do *relativismo linguístico*¹⁹. Segundo esta teoria, o modo como construímos o nosso pensamento e nos apercebemos do que nos circunda é influenciado pelas diferenças (muitas delas estruturais) que existem entre as línguas particulares que falamos. A teoria do relativismo linguístico conhecida como a hipótese whorfiana (Whorf, 1956) foi, depois, reformulada como a hipótese de Sapir-Whorf (cf. Sapir, 1985) e, posteriormente, desenvolvida como a teoria neo-whorfiana. O relativismo linguístico foi consubstanciado ao longo dos anos por muita evidência linguística, da qual se destacou, primeiro, a discussão sobre a expressão linguística do domínio da cor (desenvolvida a partir do tratado de Berlin e Kay, de 1969), e, depois, no domínio do espaço (cf.

¹⁷ (Evans 2014, pp. 131-132).

¹⁸ "The child is adept at pattern-finding, and comes equipped with a species-specific ability to recognize communicative intentions, and, moreover, a pro-social desire to communicate. And, finally, usage-based factors guide the construction of a grammar in the mind of the child". (Evans, 2014, p. 132).

¹⁹ (Evans, 2014, pp. 193-228).

Batoréo, 1996/2000; Levison, 2003). Evans demonstra que o relativismo linguístico é um fenómeno que tem a ver com o impacto que a língua que é utilizada pelo falante exerce sobre o seu aparelho cognitivo, o que significa que existem diferenças entre as mentes dos falantes de diversas línguas, dada a experiência linguística que cada um dos falantes tem²⁰. Segundo a perspectiva defendida por Evans (2014), a Linguagem humana (tal como observada com base no uso efectuado em diferentes idiomas particulares) e a mente humana estão interconectadas, vivendo em simbiose.

3. LINGUÍSTICA COGNITIVA COMO ABORDAGEM PLURAL DO ESTUDO DA LINGUAGEM-EM-USO²¹

A crítica ao *Mito da Linguagem como Instinto* apresentada por Evans (2014), discutida no capítulo anterior, enquadra-se na abordagem teórica da Linguística Cognitiva, adoptada previamente pelo mesmo Autor, em Evans e Green (2006). Trata-se de uma perspectiva plural, desenvolvida em linhas de pensamento independentes, radicadas, sobretudo, desde os anos oitenta do século passado, nas correntes teóricas elaboradas por três grandes vultos da Linguística Cognitiva: George Lakoff, Leonard Talmy e Ronald Langacker, bem como pelos seus seguidores e discípulos. Não se trata de uma teoria única e coesa, mas, antes, de uma abordagem muito abrangente, com os denominadores comuns subjacentes a todos os enquadramentos por ela englobados²². Do mesmo modo que acontece nas outras vertentes linguísticas, o estudo no âmbito desta abordagem foca tanto a Linguagem como as diferentes línguas particulares, tendo em consideração a sua sistematicidade, estrutura e funcionalidade. No entanto, a Linguística Cognitiva vai além do estudo da estrutura do sistema e do modo como este funciona: nesta abordagem parte-se do pressuposto que a Linguagem reflecte padrões do modo como o Homem pensa, permitindo acesso à natureza e organização do pensamento humano e, especialmente, ao modo como o Homem conceptualiza o mundo em que vive, funcionando a

²⁰ (Cf. Wierzbicka, 1992, 1996).

²¹ No presente capítulo, desenvolvemos a discussão apresentada inicialmente em Batoréo (2015).

²² "Cognitive linguistics is described as a 'movement' or an 'enterprise' because it is not a specific theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of guiding principles, assumptions and perspectives which have led to a diverse range of contemporary, overlapping (and sometimes competing) theories." (Evans & Green, 2006, p. 3).

Linguagem como uma janela de acesso à mente humana²³.

Tendo em conta a inscrição plural da sua origem, não é surpreendente que o campo da Linguística Cognitiva assuma hoje perspectivas múltiplas, reunidas em um conglomerado de abordagens teóricas que compartilha hipóteses centrais a respeito da Linguagem humana, como é o caso do papel fundamental atribuído a questões relacionadas ao significado, ainda que cada uma dessas abordagens destaque aspectos distintos dos desdobramentos possíveis dessas hipóteses. Vale a pena ressaltar ainda - embora a Linguística Cognitiva não seja a única abordagem linguística que confere *status* especial ao significado - o modo particular como são tratadas as questões semânticas e pragmáticas. Este foco permite que se estabeleça um recorte relativamente bem delimitado da área, distinguindo-a, por um lado, de abordagens de orientação funcionalista e, por outro, do referencial teórico da semântica formal (Ferrari, 2009, p. 13).

Na abordagem conjunta das diferentes vertentes da Linguística Cognitiva, parte-se de um conjunto de constructos teóricos que fundamenta a análise teórica desenvolvida na área (como, por exemplo, a das bases conceptuais e experienciais das categorias linguísticas) e estudam-se as unidades e as estruturas da Linguagem não pelo seu carácter autónomo, mas na sua qualidade de manifestações de capacidades cognitivas gerais, da sua organização conceptual, de mecanismos de processamento e conceptualização, bem como da experiência cultural, social e individual. A Linguagem surge, assim, como um repositório significativo e estruturado de conhecimento do mundo, construído com base nas experiências adquiridas, vividas e partilhadas, cujo registo é retrospectivamente guardado para podermos lidar, prospectivamente, com experiências novas. A Linguagem assume-se como um *fenómeno mental*, cuja interacção no mundo é medida por estruturas informativas na mente, e que serve como meio para organizar,

²³ "Cognitive linguistics, like other linguistics, study language for its own sake; they attempt to describe and account for its **systematicity**, its structure, the **functions** and how these functions are realised by the language system. However, an important reason behind why cognitive linguists study language stems from the assumption that language reflects patterns of thought. Therefore, to study language from this perspective is to study its patterns of **conceptualisation**. Language offers a window into cognitive function, providing insights into the nature, structure and organisation of thoughts and ideas. The most important way in which cognitive linguistics differs from other approaches to the study of language (...) is that language is assumed to reflect certain fundamental properties and design features of the human mind." (Evans & Green, 2006, p. 5), (destaque em negrito é da autoria dos autores.).

processar e transmitir informação²⁴.

Ao estudar cientificamente a Linguagem, a Linguística Cognitiva circunscreve a investigação desenvolvida na área em função das *cinco premissas fundamentais* (cf. Ferrari, 2009, Cap. 1):

- (i) categorização linguística (abrangendo prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos idealizados, metáfora e imagens mentais); defende-se, assim, que o significado linguístico é relativizado a domínios linguísticos e que os sistemas cognitivos não são autónomos;
- (ii) princípios funcionais da organização linguística (iconicidade, naturalidade e perspectivação); defende-se, por conseguinte, que o significado linguístico reflecte processos de perspectivação;
- (iii) natureza dinâmica da gramática (o que implica, por exemplo, a existência de uma interface conceptual entre sintaxe e semântica);
- (iv) base pragmática e experiencial da linguagem-em-uso (o que implica que o significado linguístico é baseado no uso e na experiência);
- (v) relação entre Linguagem e Mente/Pensamento (a hipótese de relativismo e/ou universais conceptuais/linguísticos).

A Linguística, tal como acima definido, que estuda cientificamente a conceptualização efectuada, simultaneamente, *a partir, através e dentro do* escopo da Linguagem, é, necessariamente, uma *linguística cognitiva*, na medida em que o seu objecto de investigação é a Linguagem como *sistema de conhecimento*²⁵.

²⁴ "It is a fact that languages systematically direct attention to certain facets of our existence, while systematically ignoring other facets, and that the way each language shapes attention in language-specific. It is also a fact that language is one of the primary identifiers of ethnic groups, and the means by which much of their culture is expressed." (Janda, 2008, p. 26).

²⁵ É de salientar que também outras correntes linguísticas – tal como, aliás, acontece no caso da Gramática Generativa de Chomsky (cf., a título exemplificativo, Chomsky, 1986) – ou mesmo outros *sistemas de conhecimento* no paradigma das Ciências Cognitivas (como, entre outros, Psicologia Cognitiva, Neurociências, Inteligência Artificial, Antropologia, Etnografia, etc.) – apontam para a necessidade da existência de uma *linguística cognitiva*. Chomsky demonstrou, de modo definitivo, a importância dos fenómenos de natureza cognitiva para a compreensão da linguagem, ou seja, a importância dos fenómenos relativos ao modo como a nossa mente interage com o mundo que nos cerca, bem como dos processos que permeiam essa interacção. Entretanto, limitou a sua abordagem a questões relacionadas ao desenvolvimento ou à maturação de uma capacidade biológica, postulando uma estrutura racional e universal inerente ao organismo humano (cf. Martelotta, 2008, p. 177).

No entanto, e ao contrário do que acontece no caso da linguística chomskiana, conforme discutido no capítulo 2., com base em Evans (2014), a Linguística Cognitiva não partilha da existência de uma Faculdade da Linguagem totalmente autónoma, independente de outras faculdades mentais, nem do conhecimento da Linguagem modular autónomo em relação a outros tipos de conhecimento. O respectivo enquadramento teórico não implica exclusivamente o conhecimento *da* Linguagem, mas aponta, antes, para o conhecimento *através* da Linguagem, na direcção ao conhecimento do mundo. Ao alterar-se, assim, o sentido da direcção da pesquisa, altera-se, basicamente, o objecto da relação epistemológica adoptada pelos estudos linguísticos estabelecidos na segunda metade do século XX. Quer na vertente estruturalista quer na generativista, a relação epistemológica dos estudos linguísticos é entendida como o estudo do sistema *que se basta a si próprio* e que se abstrai, por conseguinte, do mundo extralinguístico que representa e que conhece através da Linguagem. Na óptica da Linguística Cognitiva, pelo contrário, esbate-se a distinção entre o *intra* e o *extralinguístico*, defendendo-se a importância do conhecimento enciclopédico do mundo e o estudo englobante não-modular da linguagem numa *visão holística* de um *todo conceptual e simbólico*. A gramática de uma língua caracteriza-se, assim, pela sua natureza simbólica, existindo nela um *contínuo de léxico-gramática* – ou, melhor, de *sintaxe-semântica-pragmática* – responsável pela representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente dos falantes²⁶.

Além de se pautar pelas cinco premissas acima apresentadas, a Linguística Cognitiva organiza-se à volta de *quatro princípios* fundamentais:

- (i) primazia da semântica na análise linguística;
- (ii) natureza enciclopédica do conhecimento linguístico;
- (iii) natureza perspectivista do significado linguístico;
- (iv) historicidade do significado linguístico.

cruzando-se estes quatro princípios com as respectivas orientações metodológicas. Estas orientações, por sua vez, enquadram-se no âmbito

²⁶ (Cf. R. Langacker. *Gramática Cognitiva*, 1987/1991, 2000): as categorias e construções gramaticais são entendidas, assim, como entidades simbólicas convencionais, tal como acontece no caso das categorias lexicais, estruturando-se pelos mesmos princípios de categorizações prototípicas e por modelos cognitivos e culturais idênticos (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Talmy, 2003).

do *experencialismo*²⁷ (isto é, do *não-objectivismo*), tal como defendido em Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987).

O experencialismo defendido pela Linguística Cognitiva postula que a categorização se processa na base de protótipos. Assim, os vários elementos de uma categoria apresentam diferentes graus de saliência, agrupam-se por *semelhanças-de-família* e as fronteiras entre diferentes categorias são geralmente vagas e difusas. Se a função fundamental da Linguagem é a categorização, então a *significação será o fenómeno linguístico primário* (cf. o primeiro princípio fundamental, referido acima). A função categorizadora da Linguagem é estudada sistematicamente numa perspectiva que abrange as seguintes vertentes: *a teoria do protótipo* (Taylor, 1995; Geeraerts, 1997), *a teoria da metáfora conceptual* (Lakoff e Johnson, 1980; Sweetser, 1990), *a semântica do enquadramento linguístico* ('*frame semantics*' de Fillmore, 1985), *a teoria de espaços mentais* e *a teoria da integração conceptual* (Fauconnier, 1985) e *modelos culturais* (cf. Discussão em Batoréo, 2015, sobre *Linguística Cultural*).

O experencialismo da Linguística Cognitiva postula, também, que o pensamento se fundamenta na experiência do mundo. Esta experiência não é dada, mas é construída através de estruturas cognitivas informativas, tais como a Linguagem. Consequentemente, esta estrutura não pode ser considerada um módulo separado, mas apenas parte integrante da Cognição, em que não existe distinção entre conhecimento *linguístico* e conhecimento *enciclopédico* (cf. atrás, o segundo princípio fundamental). O significado linguístico encontra-se intimamente ligado ao conhecimento do mundo na relação com a função categorizadora da Linguagem. Em vez de espelhar a realidade, a Linguagem é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que reflectem as experiências e as culturas, o que aponta para a *natureza perspectivista do signo linguístico* (cf. o terceiro princípio fundamental, referido acima). Esta característica está intimamente ligada à *historicidade do significado*, visto que a própria experiência humana é um fenómeno histórico sujeito a mudanças. Esbate-se, assim, a divisão saussureana estanque entre a linguística

²⁷ A fim de definir as linhas de *orientação metodológica* de trabalho em Linguística Cognitiva, tendo sempre presentes os quatro princípios fundamentais acima definidos, parte-se da análise das respostas a três grupos de perguntas (Silva, 2004, p. 79; cf. Batoréo, 2004).

sincrónica e diacrónica, entendendo-se que o estudo linguístico do significado deverá, naturalmente, combinar ambas as perspectivas: a sincrónica e a diacrónica (cf. o quarto princípio fundamental referido acima).

O experiencialismo postulado pela Linguística Cognitiva defende, ainda, que, no nosso dia-a-dia, é comum pensarmos e falarmos figurativamente. Assim, não existindo uma posição fundamental entre o literal e o figurado, a metáfora e outros tipos de linguagem tradicionalmente encarados como figurados são fenómenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos naturais dos actos de pensar e de falar.

As premissas teóricas, os princípios fundamentais e as linhas de orientação metodológica acima apresentadas constituem os alicerces não só da Linguística Cognitiva, mas também da *Linguística Cultural* nela radicada (cf. Batoréo, 2015, 2017), assim como da área da *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*, no âmbito da Psicolinguística (cf. Batoréo 2017, 2018a, 2018b, 2020a, 2020b).

4. NOTAS FINAIS

O objectivo do presente artigo foi uma reflexão teórica conducente à caracterização global da Linguística como uma abordagem plural do estudo da Linguagem baseada no uso. No capítulo 2. do presente estudo, iniciamos esta discussão partindo de Evans (2014), obra em que o Autor demonstra, com base na mais recente investigação interdisciplinar desenvolvida nas últimas décadas, que a tese da *Linguagem como Instinto*, inerente à teoria chomskiana da Linguagem e da respectiva *Gramática Universal*, constitui o maior mito linguístico de sempre por não reunir provas factuais que a possam consubstanciar.

Tendo por base a discussão inicial, no capítulo 3., argumentámos a favor da existência da Linguística Cognitiva, na qualidade de uma abordagem englobante e plural do estudo da Linguagem-em-uso e da sua interacção com a Cognição, que nos permite entender o modo como (i) a Linguagem se organiza e estrutura, (ii) funciona e se relaciona com a mente humana e (iii) nos permite conceptualizar e construir a imagem do mundo que nos rodeia.

A discussão apresentada permite-nos entender que – tal como

acontece nas outras vertentes linguísticas – o estudo no âmbito da abordagem da Linguística Cognitiva foca tanto a Linguagem humana como as diferentes línguas particulares, tendo em consideração a sua sistematicidade, estrutura e funcionalidade. No entanto, a Linguística Cognitiva vai além do estudo da estrutura do sistema e do modo como este funciona: nesta abordagem defende-se que a Linguagem reflecte padrões do pensamento, permitindo acesso à sua natureza e organização e, especialmente, ao modo como o Homem conceptualiza o mundo em que vive, funcionando a Linguagem como uma janela de acesso à mente humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adger, D. (2015a). Mythical myths: Comments on Vyvyan Evans *The Language Myth*. In *Lingua*, 158, 76-80.

Adger, D. (2015b). *More misrepresentation: A response to Behme & Evans.* (2015). *Lingua*, 162, 160-166.

Batoréo, H. (1996/2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição.* Dissertação de Doutoramento, FLUL, Lisboa, 1996. *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.* FCT, Fundação Calouste Gulbenkian.

Batoréo, H. (2004). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva.* CD-ROM em PDF. Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9350>

Batóreo, H. (2015). Linguagem centrada no uso e o conhecimento linguístico: linguística cultural, linguística cognitiva e os estudos linguísticos. In Fiéis, A., Lobo, M. & Madeira, A. (orgs). (2015). *Universal e o Particular – Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*, 39-59. Colibri. ISBN 978-989-689-477-1.

Batoréo, H. (2016). Recensão crítica de Evans, V., *The Language Myth: Why language is not an instinct?*, (2014), 304. University Press. ISBN 978-1-107-61975-3. In *Linguística*, 12 (1), 21-32.

Batoréo, H. (2017). On Ironic Puns in Portuguese Authentic Oral Data. How does multiple meaning make irony work?.. In A. Athanasiadou & H. Colston (eds.). (2017). *Irony in Language Use and Communication*, 109-126. John Benjamins. ISBN 9789027209856. Electronic edition ISBN

9789027264824. <http://doi.org/10.1075/ftl.1>. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9332>

Batoréo, H. (2018a). Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. In: Barroso, H. (coord.). (2018). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, 53-80. Humus Lda. ISBN: 978-989-755-348-6. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9324>.

Batoréo, H. (2018b). Metaphorical Competence in Multilingual Context of Language Acquisition and Learning. In: *Psychology of Language and Communication*, 22 (2). (Special issue *In Honor of Professor Barbara Bokus – Developmental Psycholinguistics: Old Questions, New Answers*), 534-556. De Gruyter. ISSN: 2083-8506. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9334>

Batoréo, H. (2000, Julho, 22). Aquisição da Linguagem e a Linguística Cognitiva: Que competências para o falante não-nativo? (*online*). *Abralin ao Vivo: linguists on-line* –, Associação Brasileira de Linguística – Abralin. Brasil. <https://aovivo.abralin.org/lives/hanna-batoreo/> <https://www.youtube.com/watch?v=UNzKXUDKqFI>

Batoréo, H. (2020, Agosto, 6). Competência metafórica em Português Língua Não-Materna: Reestruturação e adequação conceptuais do falante não-nativo (*online*). *Primeiro ciclo de conferências/ 1st Cycle of Lectures on Cognitive Linguistics: Research and Trends*, do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento/ Cognição e Linguística – GELP-COLIN, (em colaboração com VII International Conference on Metaphor in Language and Thought – VII CIMLP), Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal do Maranhão, Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=h1UcM5EFs>

Bauer, L. & Trudgill, P. (eds.). (1998). *Language Myths*. Penguin Books.

Behme, C. & Evans, V. (2015). Leaving the myth behind: A reply to Adger (2015). In *Lingua*, 162, 149-159.

Berlin, B. & Kay, P. (1969). *Basic Colour Terms: Their Universality and Evolution*. Cambridge University Press.

Bickerton, D. (1981). *Roots of Language*. Karoma Publishers.

- Bickerton, D.** (1984). The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(2), 173-221.
- Bowerman, M.** (1989). Learning a Semantic System: What Role Do Cognitive Predispositions Play?. In Rice, M. & Schiefelbusch, R. (eds.). (1993). *The Teachability of Language*. Paul H. Brooks. In *Bloom*, 329-363.
- Bowerman, M.** (1994). Linguistic and Nonlinguistic Determinants of Spatial Semantic Development: A Crosslinguistic Study of English, Korean, and Dutch. Comunicação apresentada na *Boston University Conference on Language Development*, Boston.
- Bybee, J.** (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press.
- Chomsky, N.** (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT Press.
- Chomsky, N.** (1986). *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. Greenwood Publishing Group.
- Evans, V.** (s/d). Language in the Mind. The evolution of language and cognitive linguistics. *Psychology Today*. <https://www.psychologytoday.com/blog/language-in-the-mind>
- Evans, V.** (2014). *The Language Myth: Why language is not an instinct?*. Cambridge University Press.
- Evans, V.** (2015). *The Crucible of Language: How Language and Mind Create Meaning*. Cambridge University Press.
- Evans, V.** (2015a). The structure of Scientific Revolutions. Reflections on radical fundamentalism in language science. <https://www.psychologytoday.com/blog/language-in-the-mind/201504/the-structure-scientific-revolutions>.
- Evans, V.** (2015b). A Paradigm Shift in Linguistics? Ill-conceived Dogma and The Language Myth. [603cc2_725915ba0c5e4630a9fa4b5f6387aaae.pdf \(filesusr.com\)](https://www.filesusr.com/603cc2_725915ba0c5e4630a9fa4b5f6387aaae.pdf).
- Evans, V.** (2016). Open Letter, regarding my invited response article on The Language Myth, solicited by *Language*. <http://www.vyvevans.net/openletter.pdf>
- Evans, V. & Green, M.** (2006). *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Routledge.

- Evans, V. & Pickering, L.** (In press). *Language Learning, Discourse and Cognition*. John Benjamins.
- Ferrari, L. (org.)** (2009). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Imprinta.
- Ferrari, L.** (2010). Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição, 41*, 149-165. <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo7.pdf>.
- Ferrari, L.** (2011). *Introdução à Linguística Cognitiva*. Contexto.
- Fauconnier, G.** (1985). *Mental Spaces*. MIT Press.
- Fillmore, C.** (1985). Frames and Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica, 6*, 222-254.
- Fodor, J.** (1983). *Modularity of Mind*. MIT Press.
- Geeraerts, D.** (1997). *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Clarendon Press.
- Gibbs, R. & Orden, G. van** (2010). Adaptive cognition without massive modularity. *Language & Cognition, 2*, 149-176.
- Goldberg, A.** (1995). *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press.
- Janda, L.** (2008). From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics. In *Slovo a smysl/ Word and Sense, 8*. <http://slovoasmysl.ff.cuni.cz/node/222>
- Lakoff, G. & Johnson, M.** (1980). *Metaphors we Live by*. University of Chicago Press.
- Langacker, R.** (2008). *Cognitive Grammar: a Basic Introduction*. Oxford University Press.
- Levison, S.** (2003). *Space in Language and Cognition: Explorations in Cultural Diversity*. Cambridge University Press.
- Martellota, M. (Org.)**. (2008). *Manual de Lingüística*. Contexto.
- Pinker, S.** (1994). *The Language Instinct*. William Morrow.
- Pinker, S.** (2002). *The Blank Slate*. Pinguin.

- Sapir, E.** (1985). *Selected Writings in Language, Culture and Personality*. Edited by Mandelbaum, D.. University of California Press.
- Silva, A.** (2004). Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento. In Dinis, A. & Curado, A. (Orgs.). (2004). *Consciência e Cognição*. Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 79-96.
- Silva, A. & Batoréo, H.** (2010). Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In Brito, A. (Org.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 229-251. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf>
- Sweester, E.** (1990). *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press.
- Talmy, L.** (2003). *Toward a Cognitive Semantics* (Vols. 1-2). A Bradford Book. MIT Press.
- Taylor, J.** ([1989]/1995). *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Clarendon Paperbacks. Oxford University Press.
- Whorf, B.** (1956). *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Edited by John B. Carroll. MIT Press.
- Wierzbicka, A.** (1992). *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*. Oxford University Press.
- Wierzbicka, A.** (1996). *Semantics, Primes and Universals*. Oxford University Press.